



# DAVID BADDIEL

"BRILHANTE"  
KEIR STARMEN

# JUDEUS

"UMA  
OBRA-PRIMA"  
STEPHEN FRY

"PARTIU  
MEU CORAÇÃO"  
NEIL GAIMAN

# NÃO

"CORAJOSO E  
NECESSÁRIO!"  
JONATHAN SAFRAN FOER

"VOCÊ  
PRECISA LER"  
SARAH  
SILVERMAN

# CONTAM

"MAGNÍFICO"  
SIMON  
SCHAMA

**DAVID BADDIEL**

Tradução de Roberta Sartori

**JUDEUS  
NÃO  
CONTAM**



**V**ou dar alguns exemplos de um fenômeno recorrente. Começemos com um exemplo literário. Em agosto de 2020, o jornal britânico *The Observer*, que junto com seu jornal irmão *The Guardian* é politicamente o meio de comunicação tradicional mais progressista do país, publicou uma resenha do primeiro romance do roteirista Charlie Kaufman, *Antkind*, feita por uma crítica chamada Holly Williams. A resenha, não muito positiva, criticava o livro principalmente porque o narrador opera a partir do que Williams chama de “perspectiva do homem-branco-cis-het”. Em outras palavras, evidentemente masculino, branco e, menos evidentemente, possuidor de um gênero que não é nem trans nem não binário, e uma sexualidade que é hétero. Qualquer um que ocupa esse quadrado de características é considerado – por aqueles que assumem que todas as estruturas sociais são sustentadas pelo poder – privilegiado. Homens-brancos-cis-hets têm quatro vantagens na vida. Um livro escrito a partir de uma perspectiva homem-branco-cis-het seria rotineiramente marcado por uma plataforma como o *Observer*, ansioso para sempre recentralizar a conversa cultural fora daquele quadrado.

No entanto, o narrador em *Antkind* se chama B. Rosenberger Rosenberg. Ele se descreve logo no início como tendo uma barba “rabínica”, tal qual a “aparência judaica”; talvez ainda mais revelador seja quando, a certa altura, ele usa uma gravata com o slogan “100% *kosher*”. Existem inúmeras ocasiões em que outros personagens se comportam de um modo antissemita em relação a ele, assumindo que seus comportamentos correspondem aos estereótipos judaicos, sussurrando “judeu” quando ele sai dos lugares ou gritando “Vai se foder, judeu!” diretamente para ele. Mas na resenha do *Observer*, não há menção de sua identidade judaica, ou à questão da identidade judaica no livro em geral, apesar de incluir – obrigado, Kindle – sessenta menções da palavra “judeu” e noventa da palavra “judaico”. E, claro, o próprio Charlie Kaufman é judeu.

Mas acho que para Holly Williams nada disso tem relação alguma com a perspectiva homem-branco-cis-het de B. Rosenberger Rosenberg: isto é, nenhuma relação com seu privilégio.

Aqui está outro exemplo, desta vez da comediantes dinamarquesa Sofie Hagen. Em um curta-metragem – muito bom – de 2019 que fez sobre positividade corporal, Hagen recita uma lista das “pessoas mais oprimidas da sociedade”, que inclui: “pessoas negras e pessoas de cor, pessoas *queer*, pessoas trans, muçulmanos e pessoas com deficiência”. O que, de fato, é uma boa tentativa de cobrir a margem daquilo que muitos progressistas considerariam os grupos mais oprimidos, as minorias mais perseguidas da sociedade.

Mas a lista deixa escapar uma minoria perseguida, uma das minorias mais perseguidas da história. Agora, imagine que o personagem principal de *Antkind* pertencesse a alguma dessas minorias mencionadas por Hagen. A premissa central da resenha do *Observer* – que a questão problemática com o *Antkind* é que ele é

escrito a partir de uma perspectiva homem-branco-cis-het – se dissolveria, e com ela a maior parte da negatividade da resenha. O que significa que, apesar do histórico de perseguições, há apenas uma minoria que, para os checadores de privilégios, permanece firme no quadrado do privilégio.

Hora de um exemplo altamente literário: no ano-novo de 2017, a BBC Radio 4 transmitiu a leitura de Jeremy Irons da coleção completa de poemas de T. S. Eliot, quase na íntegra. Quem conhece a poesia de Eliot sabe que a leitura de todos os seus poemas significa a inevitável inclusão destes versos de “Gerontion”:

Minha casa é uma casa dizimada,  
E no peitoril da janela acocora-se o judeu, o dono,  
Desovado em alguma taberna de Antuérpia, coberto  
De pústulas em Bruxelas, remendado e pilhado em Londres.

E de “Burbank com um Baedeker: Bleistein com um charuto”:

Os ratos estão debaixo das pilhas  
Os judeus estão debaixo do lote.

Lembro-me de ouvir e de me perguntar como a BBC contornaria isso. Quando o assunto eram esses poemas específicos, eles contaram com a ajuda de Anthony Julius, um advogado judeu e autor de *T. S. Eliot, Anti-Semitism and Literary Form* (1995), que prefaciou as leituras com sua teoria de como o altamente dominante antissemitismo da moda da época caracterizou e possivelmente até aprimorou o trabalho de Eliot. Para simplificar consideravelmente, Julius acredita que Eliot foi um poeta tão grande que ele poderia – quase exclusivamente,

embora haja, é claro, *O mercador de Veneza* – transformar o antissemitismo em arte.

Escrevi para Anthony Julius a esse respeito, porque acho que a posição dele está errada. Sou fã de Eliot, mas acho que a poesia não redime o ódio. Acabamos almoçando, algum tempo depois, e conversando sobre isso por três horas (uma reação, se me permite dizer, muito judaica à coisa toda).

Mas nada disso abalou a sensação que tive, no ano-novo de 2017, de que, por melhor que seja o escritor, por melhor que seja a escrita, nenhum outro grupo minoritário seria comparado a ratos ou vislumbrado como qualquer outro estereótipo racista negativo semelhante na Rádio 4. Não é inconcebível que a BBC possa ler um livro inteiro de Agatha Christie no ano-novo. É, no entanto, inconcebível que alguém ouça a voz de Jeremy Irons dizendo: “E agora, *Ten Little N\*\*\*\*rs*!”.

Enquanto isso, em meados de 2020, após a onda de estátuas sendo derrubadas como parte dos protestos do Black Lives Matter, um manifestante em Broadstairs, Kent – muito distante de Minneapolis –, pichou as palavras “Dickens era racista” no Museu Charles Dickens. O manifestante se chamava Ian Driver, e sua inspiração foi uma carta que Dickens havia escrito condenando o motim indiano de 1857. A carta é, sem dúvida, racista. No entanto, é estranho que Ian Driver tenha que ir até um texto relativamente obscuro de Dickens para se inflamar por seu racismo, quando, em *Oliver Twist*, à vista de todos, por anos e anos e anos, está Fagin.<sup>2</sup>

Mas talvez ele não conte.

---

1. O termo com os asteriscos é a palavra “niggers/negros”. A tradução do título é “Os dez negrinhos”. (N. T.)

2. Em seu livro, Dickens se refere várias vezes a Fagin, o explorador de crianças, como “o judeu”, embora mais tarde tenha revisado o romance para minimizar a religião e etnia do personagem. (N. T.)

A conversa cultural moderna sobre a reavaliação de grandes escritores do passado à luz do entendimento político atual nem sempre é negativa. No caso, por exemplo, da romancista Edith Wharton, do início do século XX, essa reavaliação recentemente tratou de elevar seu *status* no cânone, com a sensação de que, como mulher, ela havia sido negligenciada. No final de 2020, o grupo de leitura *on-line* do *Guardian* escolheu *A época da inocência*, de Wharton, como seu livro para setembro. Enquanto isso, no *Times*, Anna Murphy escreveu a respeito de seu amor por *A casa da felicidade* e, especificamente, sobre como se sentia satisfeita por Wharton estar finalmente sendo reconhecida como à altura de Henry James.

É certamente verdade, com algumas exceções notáveis, que as mulheres autoras não receberam o devido reconhecimento da cultura; dessa forma, essa reavaliação de Wharton me fez decidir pegar *A casa da felicidade*. Eu estava gostando muito das aventuras da heroína, Lily Bart, nas primeiras páginas, até que um personagem chamado sr. Rosedale – “o mesmo judeuzinho que havia sido servido e rejeitado na sociedade uma dúzia de vezes” – é apresentado. A questão não é, obviamente, que Wharton, em seu tempo e contexto, tenha escrito coisas que hoje consideraríamos antissemitas. A questão é que isso não é um problema para sua atual valorização feminista. Enquanto isso, outros tipos de racismo que sua escrita possa expressar continuam, para alguns, a sê-lo. Em um ensaio para o site feminista *Jezebel*, a estudiosa literária vitoriana Rachel Vorona Cote escreve: “Excluindo o que os personagens de Wharton – ou, aliás, a própria Wharton – possam ter a dizer sobre minha família judia, minha branquitude me fornece um par de cômodos pisca-piscas que ocultam os detalhes manchados. Ao voltar minha atenção para o tratamento que o romance

dispensa às pessoas de cor – periférico, desdenhoso –, não consigo recuperar meu prazer descomplicado com isso”.

É bom que Verona Cote esteja questionando as suposições de Wharton. Se eu fosse questioná-la, a pergunta a fazer seria: por que excluir o que os personagens de Wharton ou a própria Wharton diriam sobre os judeus?

Aqui está outro exemplo.

Em 2019, uma produção de *A cor púrpura*, baseada no romance de Alice Walker, seria encenada como musical em Londres. Cerca de quatro semanas antes da estreia, descobriu-se que a atriz que interpretaria o papel principal de Celie, Seyi Omooba, havia postado – em 2014 – mensagens homofóbicas no Facebook. Omooba é de origem cristã evangélica, e suas postagens eram mensagens cristãs evangélicas bastante comuns sobre a pecaminosidade da atividade entre pessoas do mesmo sexo. Ela se recusou a se desculpar pelas postagens e foi demitida.

Não estou interessado, para os propósitos deste livro, nos erros e acertos gerais da cultura do cancelamento. Mas o importante, para os propósitos deste livro, é que Omooba *foi* cancelada, pelo menos no que dizia respeito ao show, por homofobia.

Alice Walker publicou em 2017 um poema chamado “To Study The Talmud”. O Talmude é um livro de exegese do Antigo Testamento, codificado no século XIV e que contém a base de todas as regras e leis arcaicas do judaísmo: foi escrito sobretudo por rabinos. O Talmude foi ampla e incorretamente citado por antissemitas que desejam sugerir que os judeus bebem sangue cristão e promovem a pedofilia. Aqui está o que Walker escreveu:



Os góis<sup>3</sup> (nós) deveriam ser escravos dos judeus, e não apenas  
Isso, mas desfrutar disso?  
As meninas de três anos (e um dia) são elegíveis para  
casamento e relações sexuais?  
Os meninos são vítimas de estupro?  
Mesmo o melhor dos góis (nós, novamente) deve ser morto?  
Pare um momento e pense no que isso pode significar  
Ou já significou  
Em nosso próprio período de vida.

Walker, como Omooba, usou a religião antiga para defender e promover estereótipos e discriminação contra um grupo minoritário. Omooba diz: “Está claramente manifesto em I Coríntios 6: 9-11 o que a Bíblia diz sobre este assunto. Não acredito que você possa nascer gay e não acredito que a prática homossexual seja correta”. Essa é uma posição antigay. Walker afirma que os judeus acreditam que a pedofilia, a escravidão e o assassinato de não judeus são sancionados por sua religião. Essa é uma posição antijudaica. É também, eu sugeriria, a expressão mais poderosa das duas posições (“eu não acredito” é uma declaração de opinião; “os judeus acreditam” é uma declaração – incorreta – de um fato). Omooba foi cancelada. Alice Walker – ninguém jamais sugeriu que ela deveria ser. E, claro, o musical *A cor púrpura* foi adiante.

Vivemos tempos difíceis, politicamente falando. Durante minha infância, nas décadas de 1970 e 1980, o mantra era “o pessoal é político”; agora, porém, a politização de todas as coisas por trás da política de identidade impulsionada pelas mídias sociais põe

---

3. Palavra judaica para um gentio, não judeu. (N. T.)

aquele tempo no esquecimento. Isso ficou claro em um documentário recente da BBC sobre a série dramática *Play for Today*. A série, que durou de 1970 a 1984, foi uma vitrine para peças únicas na televisão e um terreno fértil para muitos dramaturgos britânicos importantes. Lembro-me, sobre essas peças, de que elas eram muito variadas em tom e assunto, mas esse documentário, chamado *Drama Out of a Crisis*, destacou apenas aquelas que expressavam políticas radicais e questões sociais. Ele fez questão, portanto, de focar nas poucas peças da série *Play for Today* que tratavam de minorias, notadamente na obra do escritor e diretor negro Horace Ové, mas também naquela peça que, à frente de seu tempo – embora afinada com o nosso –, lidou com questões transgênero.

Em 1977, no *Play for Today*, a BBC exibiu a peça *Bar Mitzvah Boy*, de Jack Rosenthal. Ganhou o BAFTA [sigla em inglês para Academia Britânica de Cinema e Televisão; a premiação é conhecida como o Oscar britânico] daquele ano de melhor peça em um único ato. Dois anos antes, *Play for Today* exibiu *The Evacuees*, de Rosenthal, um drama sobre duas crianças judias forçadas a viver com pais adotivos não judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Também ganhou um BAFTA, e um Emmy internacional. Porém, o mais importante para mim, como um jovem adolescente em Londres, é que essas duas peças foram o primeiro exemplo real de representação de minha vida na TV. Foi a primeira vez que vi a experiência anglo-judaica retratada com precisão em qualquer lugar da cultura britânica.

Em *Drama Out of a Crisis*, nenhuma dessas peças foi mencionada.

Às vezes, é possível ouvir em voz alta o que estou dizendo. O principal programa de atualidades da BBC, aquele que define a agenda

de notícias todas as manhãs, é o *Today*, na Radio 4. Escutá-lo é obrigatório para quem se interessa por política. E a reação também é obrigatória: se algo polêmico é dito no *Today*, o Twitter pega fogo e a conversa explode.

Em 13 de março de 2019, John Zogby, pesquisador de opinião pública norte-americano, estava no ar. A certa altura, ele começou a falar sobre fissuras no Partido Democrata, especificamente em torno das opiniões da então nova deputada Ilhan Omar sobre Israel e os apoiadores dela nos EUA. O entrevistador, Justin Webb, que sempre participa no *Today*, disse, em resposta:

Se o partido decidisse dizer a seus apoiadores: "Olha, achamos que o antissemitismo é um pouco como o modo como alguns de nosso povo podem considerar o racismo antibranco, que, na verdade, é um tipo diferente de racismo. Não é tão importante – ainda assim, é ruim –, mas não é tão importante quanto algumas outras formas de racismo", que impacto você acha que isso poderia ter?

Foi um momento estranho. Parecia menos uma pergunta e mais uma sugestão útil. O tom era: "Seria este um caminho a ser seguido para os democratas?". Webb não complementou nem contextualizou. Ele não prefaciou nem acrescentou: "Obviamente, é ofensivo dizer isso, mas talvez seja o que algumas pessoas do partido realmente pensam". Seu tom era neutro.

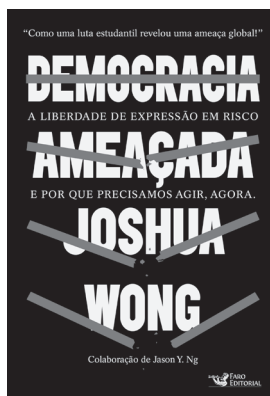
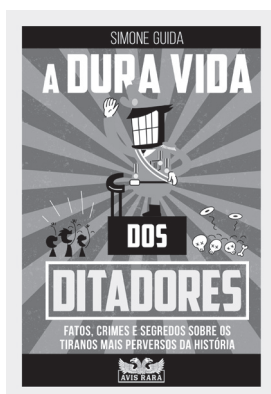
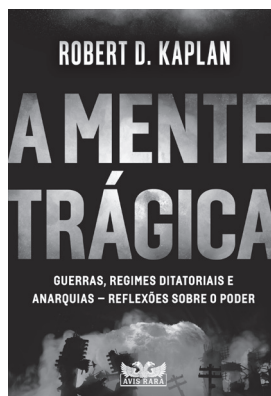
Zogby seguiu em frente sem de fato responder. Mas, mesmo que tivesse respondido, foi a pergunta em si que me surpreendeu. Lembro-me de ouvir e pensar: "Caramba, é raro alguém simplesmente sair falando 'o antissemitismo é um racismo de segunda classe'". Achei que ia criar polêmica. Achei que haveria uma reação intensa.

Não houve. Bem, isso não é bem verdade. Demorou um pouco, depois que eu consegui, após muito mexer com o serviço de *streaming* e os dispositivos de gravação em meu computador, gravar

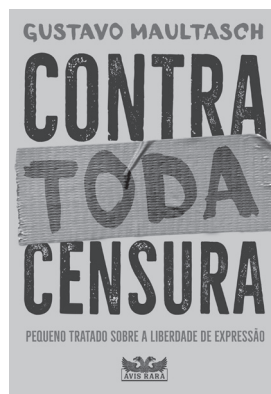
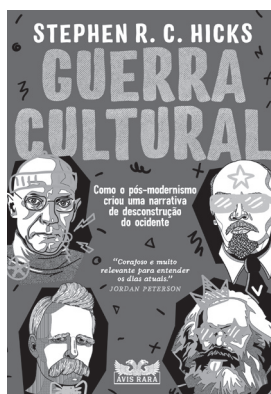
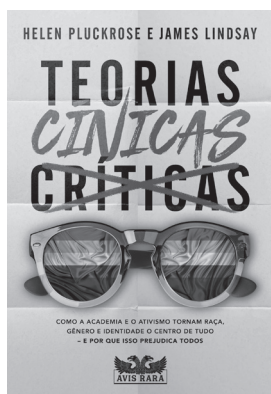
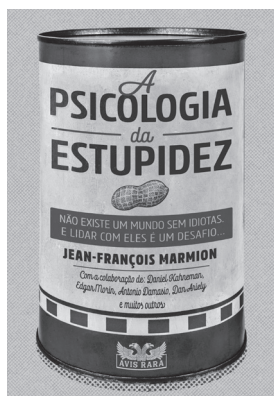
a pergunta e postá-la no Twitter, junto com uma sensação de meu espanto. Mesmo assim, não houve tanto barulho *on-line*, e o barulho que surgiu veio principalmente de judeus.<sup>4</sup>

Então, embora eu tenha dito que “Às vezes, é possível ouvir em voz alta o que estou dizendo”, o que eu realmente ouvi foi o silêncio.

# LEIA



# TAMBÉM



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

### **Campanha**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM SETEMBRO DE 2023